

Assim: <sup>(1)</sup> "No princípio era a Perfeição, o espírito homogêneo e puro. No segundo momento, mercê do efeito dum mistério, temos o espírito diminuído e a seu par a diferença que se tornou heterogênea, isto é, o mundo. No terceiro momento, reintegrar-se-há o espírito puro, pela absorção final de todo o heterogêneo...". Por maior que seja a nossa respeitosa simpatia pelo autor, ela será dignificada e bem servida pela nossa sincera discordância do seu modo de ver. Em primeiro lugar notemos, como já foi dito, que o Mundo seria uma criação involuntária, visto que misteriosa. O único mistério que não seja *fatal*, é o claro, o doce, o transparente mistério da inexgotabilidade do amor. E, agora, não é uma exigência demasiada, essa duma Perfeição diminuída? Porque, ou essa diminuição é voluntária, e apenas aparente, ou é uma diminuição sofrida. No primeiro caso, o Deus infinito e espírito puro seria presente, mas ineficaz.

Dupla dificuldade seria essa, pois que o problema do Mal permaneceria em todo o seu trágico desafio e Deus teria de jogar o esconde-esconde com o mundo. Se é uma diminuição sofrida, Deus, contra a tese, nunca teria sido a Perfeição.

Nunca o Mundo poderia também regressar a Deus (e eis, aqui, o que, para nós, é a essência), porque um espírito diminuído não poderia, *por si*, aumentar-se. Há, com efeito, nesta reintegração em Deus, verdadeiro *criacionismo moral*, isto é o *nosso Deus*.

Um mundo com espírito diminuído chega a espírito puro. Mas como?

É um novo mistério?

É; mas seria o nosso claro mistério da continuidade moral. Sem esse criacionismo moral, será, permanentemente, o espírito diminuído a par do mundo de maldade e sofrimento. Suponhamos dada essa reintegração, é porque motivo se estancou aquela nascente de espírito, e tudo se engloba no desvairante abismo da consciência divina?

No princípio uma arbitrária Perfeição, arbitrariamente diminuída; depois uma arbitrária exaltação, arbitrariamente estagnada na pura identidade da Consciência divina. Depois, aquela parte de espírito diminuído mas puro, que acode às fraquezas do espírito alterado, é um novo mistério.

¿Como pode ser puro um espírito diminuído?

Não. O mundo não é todo êle aspiração para Deus, não é preciso levar a consciência ao átomo, retirar a inércia à matéria, etc., o mundo é acção; e inércia, espaço e mecanismo são instru-

(1) Bruno, livro citado, pag. 460.

mentos de acção dos mónadas. Se o mundo fôsse toda aspiração para Deus, é o que marcaria o tempo dessa evolução? é Porque não é findo o esforço? E, se a matéria existe *cousada*, é como será ela no termo da regressão? Desaparece?

Se desaparece, é como podemos afirmar uma evolução neste mundo de invariantes materiais bem determinados? Para quem *couse* a matéria, basta o princípio de Lavoisier e à falta, e para prevenir os lances impensados de certos idólatras da novidade, bastam os princípios determinantes de qualquer constante física, para negar uma evolução nesse sentido.

Não desaparece? é Que significa um puro homogéneo, um perfeito Espírito, que será toda a Matéria? O Mundo é uma sociedade de mónadas e não uma degenerescência divina.

Igualmente inconcebível é o Deus de Hamelin, consciência de que as criaturas seriam subconsciências inferiores.

As criaturas seriam produtos da distracção divina, o que é absurdo, porque a consciência divina não pode sofrer de falta de atenção. Todas estas doutrinas são muito zelozas da realidade moral para poderem receber um Deus onnipotente, criador dum mundo onde há o mal. Esse cuidado pelas realidades de ordem moral eleva esses deuses, aparentemente inferiores, a um nível muito elevado acima dos deuses dos dogmatismos religiosos reinantes.

O Deus desses dogmatismos é um *cousismo* moral a que não é nada estranho o *cousismo* da matéria, pela imensidade da grandeza e da força física, etc.

Mas é certo que essas teorias não resolvem o problema do mal, limitam-se a admiti-lo como um facto. Sim; o mal existe e terrível e desvairante. Há ferocidades que atingem o disforme, o monstruoso. Escrevemos ainda com a recordação da nobre virilidade e coragem de Basílio Teles nos comentários ao livro de Job.

Basílio Teles cita dous inconfundíveis exemplos de prever-sidade. Todos nós os conhecemos. O despeito, a vilania, a intriga e a calúnia constituem a atmosfera de certas almas. O autor não ignora isso. Conhece a ridícula, enfatuada vaidade das almas insignificantes e conhece a viscosa inveja das reptilínias almas de torpeza e mentira.

Tem convivido, em poucos ligeiros anos de vida, com almas feitas de ódios e de traições. Conhece o mal impessoal, que mais o contrista e aflige.

Conhece, e neste livro citou já um exemplo, vítimas desse mal, que ao mesmo tempo, são os seus semeadores. Outros males, e dos maiores, são aqueles que sobre nós caem injustamente, roubando-nos um ente querido, um filho a entrar na vida, uma *promessa* de mil gloriosas vitórias do *valor*.

O homem maldoso é também vítima. Um homem pode *cousar* no interesse pessoal, tomar-se para ponto de referência e servir os homens e o mundo aos seus exclusivos interesses. Mas, se o fim ideal da consciência é fixar-se em altitudes de domínio, êle será a primeira vítima da sua estúpida maldade. Êle *cousou* a vida moral, num nível em que ela se irá dissolver.

Olhêmos aquela potestade terrestre, que, espalhando ouro, calca aos pés todas as considerações generosas.

A sua vida pode ter a intensidade da luta, a alegria da vitória. ¿Mas que luta e que vitória é essa?

Aquelas que, em estética, vimos solicitando os artistas inferiores. A sua vida moral é estreita, degladiada e desigual; a sua vida de pensamento é inferior e encarcerada num magro e hipnotizante fito.

Esse homem viverá materialmente, e eu pergunto, ao mais esfarrapado e faminto vagabundo com uma chispa de ideal, se quereria viver essa vida.

!Triste mutilado que se amputou, pois o homem é do tamanho do Universo!

O conforto do luxo pode ser tanto que adormeça, no animal acariciado, o homem, que é um ser inquieto, precisando das tempestades e do socêgo, da luta e dos abraços.

!Almas estagnadas ou de revoltos pântanos é-nos bem preferível a impetuosidade do mar alto!

O mal existe, sim; é o *cousismo* moral da pessoa. O mal existe, sim; é a actual ignorância dos determinismos da acção. Mas, dum lado e doutro, é, de infinitas promessas à vista, o futuro anunciado pela filosofia da liberdade. O mal existe, sim; e existe porque o Universo é uma sociedade de almas, que se ignoram e que se buscam.

Mas, se o mal existe, infinito é o horizonte moral rasgado pelo bem.

Uma sociedade ideal de mónadas livres e amorosas, eis, o que é lícito desejar-se e até supor-se desde já realizado. Sociedade aberta a todas aquelas almas que atingiram a divina altitude do puro amor, que é a perfeita liberdade.

Para essa sociedade aspiram todas as mónadas, e todas terão o direito e a possibilidade de a conquistar. *Essa possibilidade é o próprio Deus*, a infinita actividade de bem, sempre pronta e dadivosa. E, a altitudes divinas chegadas, as mónadas serão absolutos desejos de Deus, imortais e perfeitos no seu amor.

Um dia a fraternidade bate de chofre no corpo resistente e encerrado das mónadas inferiores, e elas se abrem e desentranham em esforço, progresso e virtude. Confiança é a palavra que traz nos lábios a matinal alma dos homens.

Sim, o mal existe. Mas não é limitado o oceano do bem, que nem sequer é um mar de ondas revoltas, mas um coração, que é o centro do Universo, eternamente florescendo beleza, virtude e amor. Conhecemos o mal, ¿mas quem não tem convivido com a inominada bondade, que em silêncio, dentro de nós faz correr, a presença de certas almas?

O autor também conhece o bem. Conhece aquelas reuniões de almas onde é presente como que uma nuvem de confiança e entendimento, que tantas vezes dispensa as falas por uma silenciosa penetração de ideias e sentimentos. Conhece aquela confiança de coração, que é o lume, a alegria dos lares humildes.

E conheceu já, de frente, bem junto a si, aquela alma de decisão metafísica, que ergue o homem, na antemanhã do heroico sacrifício do seu corpo por uma ideia de resgate, por uma generosa aspiração de justiça. Há perversidades, mas há também afirmações imortais de espírito livre.

¿Quem esqueceu já a tragédia do "Titanic"?

Sob a indiferença fria das estrelas, na dissonância horrível do oceano, no meio do assalto das vagas glaucas, está o homem, firme na sua impotência, vencedor na sua aparente derrota. Serenamente se cumpre o dever, e, quando é chegada a hora do pavor, a alma humana sobe, solitária e alta como o fumo do sacrifício, cantando a lealdade e a dedicação à Pátria, honrada ainda, na suprema hora da angústia.

Quem venceu?

Foi o espírito livre, que mais uma vez afirmou a fé, o valor, a confiança.

Confiemos.

O Bem frutifica, espalha-se e avassala. Nenhuma *fatalidade* pesa sobre a consciência moral, insaciável e activa. O tempo é obra das mónadas e êle será a virtude e o progresso da liberdade. Não é a uma absorção em Deus que as almas aspiram, mas a uma vida social ideal, de justiça e fraternidade perfeitas. ¡E que tristeza e desolação essa de um Deus Solitário! Antes espírito diminuído e socorrendo os fracos, que perfeito, estagnado idêntico e solitário!

Não pesa sobre nós essa ameaça de morte absoluta e, sem remédio, de absoluto e completo aniquilamento.

É para a sociedade universal de simples e verídica fraternidade que as consciências se dirigem, e, se um rasto de ignorado brilho a evolução cósmica vai traçando, não é êle um círculo luminoso, mas uma permanente emersão de luz, que, de profundidades sem fim, sobe em espiralados, alargados abraços. Se o pensamento se movesse apenas em superfície, êle teria de se terminar em ciclos fechados, ou mover-se em um incessante

e indefinido dinamismo. Daí os períodos de repetição, que desde os inícios da filosofia o pensamento traçou, daí a imagem da cobra mordendo a cauda, que seria a evolução: Deus, Mundo, Deus. Mas, se o pensamento se move em profundidade e superfície, isto é, em espiralada ascensão, êle se poderá apreender, voltando a si em abraços cada vez mais amplos.

E, desde o mais íntimo e estreito abraço até ao mais amplo e longínquo, é a vida que abraça, é a vida que é abraçada.

Sim. Quando, aqui, no alto desta Montanha, eu sinto diluir-me em sonho, largar do píncaro em vôos de fraternidade por sobre os humildes, tenros vales, de humildes, silenciosas choupanas, é a vida fremendo em ânsia de vida, é a alma penetrando, inundando todas as vidas.

Aqui, deitado sobre o arcaboço da terra, cabeça encostada a esta gelada fraga, eu vejo ao longe o sol desaparecer e uma névoa, tenue lençol de sonho, ir subindo, vagarosamente, enleuada no fumo negro das choupanas. Um estremecimento começa de acordar as vozes da noite, e eu, que, ao tombar do dia, sentia como a tristeza dum triste adeus, sinto-me entrar na nova vida, que da terra se vai erguendo. O sol levou o calor e a luz, mas começo a distinguir ao longe, no vale populoso, uma pequenina, bruxuleante luz de candeia. Além, eu amo aquele simples camponez de vida rude, que, na sua humilde lareira, tem o lume e o pão do seu trabalho.

Quanta bondade profunda se não sente envolver aquela pequena luz trémula e hesitante! A terra deixou de falar a sua dissonante e ruidosa voz de Dia, para erguer a serena e harmoniosa voz de Noite. As montanhas e os vales, ainda agora ensombrados pelo homem, brilham as pequeninas luzes dos tranquilos lares de trabalho. Toda a vida como que tivera um delíquio ao desaparecer do Sol, mas agora é uma vida mais íntima e silenciosa.

As mãos que cavaram, erguem-se resando; é a sêde de água que devora as rochas, é a sêde de Infinito que devora as almas.

E o ceu ocupado pelo Sol é agora recamado de estrelas, como a multiplicação da terra brilhante de candeias.

No entanto, não foi sem uma comoção, uma vaga indefinida tristeza que entrei na noite. É que a Noite deixa a alma abandonada à curiosidade do silêncio, e ao terror do infinito.

De dia, vive-se no barulho conhecido, na conhecida sociedade terrestre; de noite, o silêncio abre as janelas da alma, e é sobre o ceu estrelado que ela olha.

É a alma na tentativa do vôo e no assombro das alturas. Ah! Mas agora é heroica, alegre e confiada a minha alma. Os

ceus brilham as possibilidades sem fim da vida criadora, e, no silêncio maternal da noite, eu bem vejo germinar o ideal, bem vejo a infinita sementeira de sonho, que enche o Espaço.

Coragem, meus irmãos!

A vida é bela e eterna; subamos a ela, à grande e eterna vida. Não há limites para a alma humana, como não há limites para nenhuma mónada. O espaço e o tempo não as limitam, nenhuma estranha fatalidade as limita.

Êles são, em Deus, isto é, na infinita possibilidade da sua acção moral, reais e ilimitadas. A sua linguagem é o espaço e o tempo, porque são activas e livres.

O espaço e o tempo nem as limitam, nem as deformam.

Nenhum mal intrínseco as aflige. Todos os pessimistas, que têm feito o balanço do mundo, têm feito um balanço fraudulento. Não há mal e bem em si, que se possam contar e medir. O mal é a cegueira, a bruteza, o *cousismo* do pensamento ou do sentimento. O bem é o consentimento interior na ordem e na harmonia universais.

Quando Schopenhauer nos mostra a realidade, numa voracidade insensata da vontade de viver, êle apreende esse ponto central e profundo da mónada, que é a sua essência activa. Mas, quando conclui daí o seu pessimismo, êle é tão inconseqüente que admite a libertação momentânea pela contemplação estética e a libertação completa pelo conhecimento filosófico da ilusão fundamental. Há, então, na vida, uma vontade dominadora dessa cega vontade de viver. ¿Então, porque negar, a essa vontade, os meios de valorizar a ilusão do indivíduo, transformando os desejos illusórios em sentimentos postos conscientemente?

Para se demonstrar o pessimismo, era preciso que o mal e o bem fossem duas *cousas* impostas a uma passiva vontade, e que o tempo fosse uma coisa recebendo continuamente esse excesso do mal sobre o bem.

O pessimismo é falso, porque a vontade, pelo consentimento, pode libertar-se, como esse sublime Epicteto. O pessimismo é falso, porque o tempo não existe em si, mas sendo o tempo pela actividade das mónadas, estas irão realizando a ideal sociedade da fraternidade perfeita.

Partindo do espaço e do mecanismo como momentos inferiores do pensamento, chegamos ao fim, achando o espaço e o mecanismo como os primeiros alvôres da realidade. Duas noções se distinguem entre todos pela sua universal aplicação.

Nada, com efeito, podemos pensar fora do espaço e do tempo. Por isso Kant pôs o espaço e o tempo como formas *a priori* da sensibilidade. Nós os achamos, como formas *a priori* da acção e, portanto, de todo o pensamento. Ao mesmo tempo,

compreende-se que, contra Kant, o espaço e, sobretudo, o tempo sejam sentidos e até pensados como formas diferentes das de Kant. Se o tempo mede a diferença do ritmo de acção das mónadas, compreende-se que êle seja imediatamente presente num tom próprio do qual ainda não foi destacado o condicionalismo da acção, que é o tempo de presentes sucessivos e o espaço homogéneo. Concluído o valor apriorístico do espaço e do tempo, seria interessante ver como um ilustre filósofo frances chegou a uma monadologia pela análise da existência dessas formas como condições da sensibilidade. Mas urge que acabemos.

Basta-nos ter estabelecido, no primeiro momento da nossa filosofia, a incontestável realidade da pessoa e a continuidade da vida e da consciência como a mínima realidade incontestável.

Por aí devem ficar as pessoas prudentes e pouco ansiosas.

Basta-nos, no segundo momento do nosso criacionismo, ter reduzida a realidade às mónadas e Deus. A experiência humana prova a possibilidade de acção supranormal das mónadas e indica a possibilidade duma acção suprahumana das mónadas humanas. Abre assim o campo das possibilidades de progresso moral a uma comunicação de mónadas, que, desde já, alargasse a vasta sociedade espiritual.

Na continuidade da experiência moral encontra Deus, e termina, mostrando que o próprio problema do mal lucra em ser colocado em termos criacionistas. Filosofia de alegria, coragem e conforto, ela é bem vinda numa época de desânimo, desconfiança e actualização.

A vida moderna é duma dispersão assustadora e mortífera. A alma não se recolhe, vive numa permanente exteriorização.

Não há vida interior. Um vento de tempestade espalhou as almas e lançou a vida, numa vertiginosa corrida de ambição e loucura. O presente é um importuno a afastar-nos dum ambicionado futuro, fugindo sempre, como as miragens, diante dos nossos precipitados passos.

O lar, o abrigo das ternuras reconfortantes, perdeu-se na vertigem da vida moderna, toda de ruído, ambição e desesperado movimento. A pátria, esse outro reduto de fecundas tradições e elos de solidariedade, é uma ficção palavrosa, ou uma terrível voracidade de fauces arreganhadas para ambicionadas prêsas.

A humanidade—uma vaga aspiração de alguns vagos filósofos.

O Universo—uma terrível mole, sob o peso da qual, o homem sossobra e definha.

É preciso levantar os corações abatidos; que as almas perdidas em caminhos negros, tortuosos e sem fim, sejam conduzidas ao peito humano, ao recolhimento doméstico.

Apreendido no Espírito, que se garante pelos seus sucessivos movimentos de vitória, o homem entenderá e realizará o progresso.

Já vimos que, neste momento religioso, o homem parte com alma de certeza e olhos de eternidade, a encher a terra das obras do espírito.

Mas as obras realizadas perdem o valor e podem servir até para esmagar e oprimir, se lhes falta a presença do espírito criador!

¡Eis porque o progresso exterior é tantas vezes opressão e maldade! ¡Eis porque a vida moderna é material e materialista, de cinsa, desânimo, tédio e morte!

Que o espírito corra em líquidas torrentes subterrâneas, que uma maré de Amôr levante o Direito, que o Eterno explique o presente!

Sim; que os homens voltem a casa e, então, de dentro do seu lar, no fumo do seu fogo e no calor da sua intimidade, a alma humana de novo subirá até Deus. Este humilde planeta levará, em si, uma alta e acordada consciência. É o homem, que, pensativo e ansioso, de pé no seu planeta, sustenta religiosa, heroica e comovidamente, os ideais da beleza, da verdade, da justiça e do amor. Caminha, e aos estremecimentos do seu religioso espírito, respondem os fecundos estremecimentos do espaço, sulcado de sonho, riscado de ideal. A vida é uma imensa floresta rumorosa, onde se erguem as copas das mónadas religiosas. O imenso constelado espaço não é cerrado ao coração humano; em todo êle vibra a mesma insaciada aspiração, o mesmo profundo trabalho de humana virtude.

É a vida infinita em frêmitos de crescimento e exaltação; é o centro divino da vida, em prodigalidades sem termos, jorrando perpétuamente a beleza. Nesse espaço infinito, o homem passeia os olhos, e ¡quantas possibilidades êle não advinha!

Vivamos alegres, fortes e crentes. ¡Que a nossa vida seja simples, generosa e boa! ¡No infinito concerto das virtudes a realizar, sejamos prontos e audazes!

Tudo podemos, porque as nossas almas se enleiam e banham em mais opulentas almas, até que se banham no grande oceano, que é a nascente do Amor.

Livres e fortes, sejamos simples, verídicos e indagadores. Assim terá de ser aquela vida futura, que é a anunciação de hoje e a realidade de amanhã.

Sociedade de mónadas religiosas, o Universo é obra do seu esforço; é, pois, aberto a toda a grande e desinteressada virtude.

A virtude é o eterno sol, alumiador dos mundos. Que êle



beije as praias da mais desolada e fria Terra, e iela será uma cratera de fogo!

Eis a filosofia que um pensador português pensou na sua terra natal, diante da evocação de todos os homens e seres, na mais pura sinceridade e na mais verídica, fremente e directa curiosidade.

Lixa, 5 de Maio a 20 de Junho de 1912.



# ÍNDICE

## LIVRO I—ANÁLISE SCIENTÍFICA

	Pags.
CAPÍTULO I —O MÉTODO. . . . .	1
„ II —O NÚMERO. . . . .	7
„ III —O ESPAÇO . . . . .	23
„ IV —A MATÉRIA. . . . .	43
„ V —A VIDA . . . . .	105
„ VI —O ESPÍRITO. . . . .	145
„ VII—A SOCIEDADE . . . . .	181

## LIVRO II—SÍNTESE FILOSÓFICA

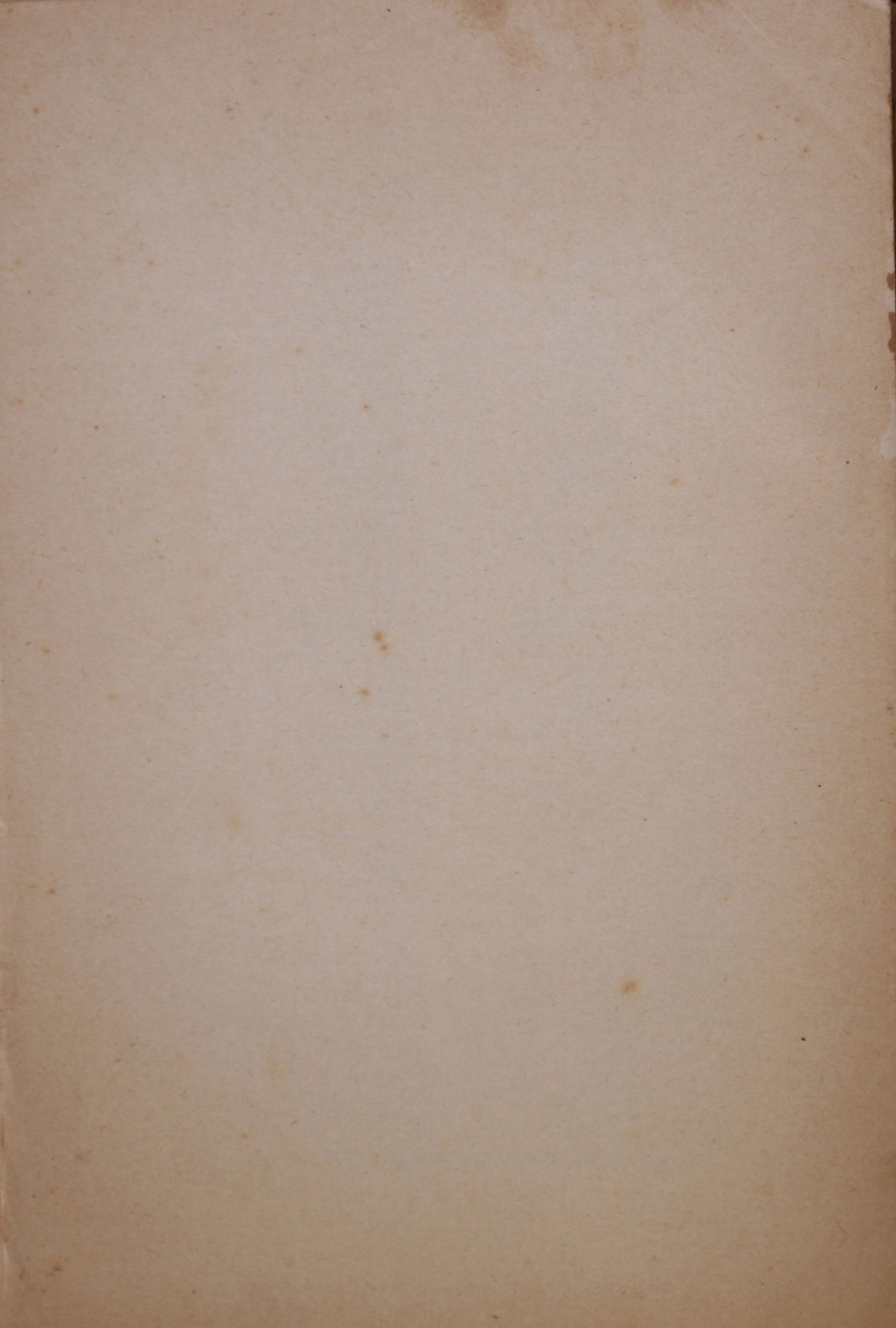
CAPÍTULO I —O CRIACIONISMO . . . . .	217
„ II—DEUS E AS MÓNADAS. . . . .	287



# ERRATAS

Pag.	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	15	perentóriamente	peremptóriamente
1	16	movimento	movimento,
5	4	mais,	mais
5	36	coordenado	o coordenado
8	nota (2)	Taunery	Tannery
11	38	que coloca	que a coloca
11	nota (1)	principieux	principaux
13	12	$a + 1$	$x + 1$
14	9	ensinar	ensinar
16	38	$\dots + = 7 + 5$	$\dots + 1 = 7 + 5$
17	15	$p'ds$	$p'ds'$
19	3	deteruninismo	determinismo
19	30	de G e de P <sub>n</sub>	de Q e de P <sub>n</sub>
29	12	resultados	postulados
37	7	físico o são	físico são
39	6	BA <sub>1</sub>	BA
45	8	basta determinar	basta a determinar
50	27	fazendo as	fazendo-as
54	11	e consequência	e por consequência
54	12	e moveu-se	a mover-se
59	34	lhes deve	lhe deve
60	24	levando mecanismo	levando o mecanismo
61	5	careçam de <i>noção</i>	careçam da <i>noção</i>
62	3	$\dots + W_1 - W_0 = 0$	$\dots + W_0 - W_1 = 0$
62	nota (1)	membro de (b)	membro de (b) dividido por E,
66	18	conhecida	conhecidas
73	13	abrangia	abrangia,
108	1	normal,	anormal,
128	11	são a essencial	são o essencial
141	9	o acaso -, espalhando	o acaso, espalhando
148	10	nacional	nocional
152	9	este será... este será...	o novo será... o novo será...
155	23	a óptica anexos	óptica e anexos
168	13	mediavel	medieval
176	10	dedusi-lo	deduzi-la
183	3	vício, cousista,	vício cousista,
196	30	lança-se	lançam-se
196	40	daqueles	daquelas
200	16	a vítima, terá	a vítima terá
200	31	As vezes	Às vezes
204	16	sofre e	sofre o
205	1	explicr	explicar
212	2	erguerem	erguer
234	36	objectiva;	objectiva e subjectiva;
236	36	mediaval	medieval
237	nota (1)	filosofia em ciência	filosofia, em ciência
244	11, 14	Giórdiano	Giordano
250	7	Ashaverus	Ashevero
253	45	rigoroso	vigoroso
255	37	a Vida	à Vida
258	4	à pessoa	a pessoa
284	24	probresa	pobresa
298	23	fria da exalação	fria, da exalação
299	28	Leibntz	Leibnitz
300	42	aquele recebe	nele recebe

As notas da página 121 devem lêr-se pela ordem (3), (1) e (2)





8/2



800 réis